

nascimento mortal

j. d. robb

Tradução de Patrícia Xavier

*Sou o Alfa e o Ómega,
o princípio e o fim,
o primeiro e o último.*
REVELAÇÃO



Amor gera amor.
ROBERT HERRICK

C A P Í T U L O 1



Os caminhos da amizade eram mortíferos. Para percorrer o seu labirinto sinuoso, um amigo podia ser chamado a praticar atos inconvenientes, irritantes ou verdadeiramente assustadores a qualquer momento.

O pior, o mais terrível requisito da amizade, na opinião de Eve Dallas, era passar uma noite numa aula de preparação para o parto.

O que ali se passava — as imagens, os sons, o ataque a todos os sentidos — gelava o sangue nas veias.

Eve era polícia, uma investigadora dos Homicídios com onze anos de serviço a proteger e a defender as ruas implacáveis de Nova Iorque. Não havia muito que não tivesse já visto, tocado, cheirado ou atravessado. Como as pessoas conseguiam sempre arranjar formas mais inventivas e mais vis de matarem outras, Eve conhecia os tormentos que podiam ser infligidos ao corpo humano.

Mas um homicídio sangrento e brutal não era *nada* em comparação com um parto.

Como aquelas mulheres de corpos enormes e estranhamente deformados pela entidade em gestação dentro delas conseguiam estar tão animadas, tão aberrantemente *tranquilas* com o que lhes estava a acontecer — e com o que lhes ia acontecer — era algo que Eve não compreendia.

Mas ali estava Mavis Freestone, a sua amiga mais antiga, com o seu pequeno corpo de fada dominado por uma barriga proeminente, a sorrir

como uma doente mental perante as imagens de um parto exibidas no ecrã de parede. E não estava sozinha. As outras mulheres tinham mais ou menos a mesma expressão enlevada.

Talvez a gravidez impedisse certos sinais de chegarem ao cérebro.

Eve estava a sentir-se um pouco nauseada. E quando olhou para Roarke, percebeu, pela expressão na sua cara desenhada por anjos, que ele estava a sentir exatamente o mesmo. Aí estava uma vantagem do casamento: uma pessoa podia arrastar o marido para os seus pesadelos pessoais e para aquele labirinto sinuoso da amizade.

Eve deixou que as imagens se desfocassem. Antes queria observar uma cena de crime — múltiplo homicídio, mutilação, membros cortados — do que olhar para o sexo de uma mulher em trabalho de parto e ver uma cabeça a sair dali. Roarke tinha na sua coleção filmes de terror que não assustavam tanto. Eve apercebeu-se de que Mavis sussurrava algo a Leonardo, o ansioso pai da entidade, mas bloqueou as palavras.

Céus, quando terminaria aquilo?

Era um cenário e tanto, pensou, tentando distrair-se a avaliar o espaço em volta. Aquele maldito sítio era uma espécie de catedral da conceção, da gestação, do nascimento e dos bebés. Alegando trabalho, conseguira evitar que Mavis a levasse numa visita guiada ao edifício inteiro.

Às vezes, uma mentira bem aplicada salvava amizades, e preservava a sanidade mental.

A ala educativa já bastava. Eve assistira a uma aula, a várias demonstrações que lhe assombrariam os sonhos durante décadas, e fora obrigada, como parte da equipa de apoio a Mavis, a participar num parto a fingir, ao lado da androide obstetra e de um androide recém-nascido que guinchava.

E agora aquele vídeo medonho.

Não penses nisto, advertiu-se a si própria, e recomeçou a observar a sala.

As paredes em tons pastel estavam cobertas de imagens de bebés ou mulheres grávidas em vários estádios de beatitude. Todas extasiadas e de olhos enevoados. Muitas flores naturais e plantas verdes viçosas em arranjos artísticos. Cadeiras confortáveis, supostamente concebidas para ajudar as mulheres a erguerem os seus corpos volumosos. E três instrutores entusiásticos disponíveis para responder a perguntas, dar lições, fazer demonstrações e servir refeições leves saudáveis.

As mulheres grávidas, reparou Eve, estavam constantemente a comer e a fazer xixi.

Portas duplas nas traseiras, uma saída na parte da frente, à esquerda do ecrã. Pena que não pudesse correr para lá.

Eve deixou-se entrar numa espécie de transe. Era uma mulher alta e magra, com um cabelo castanho escadeado. A sua cara angulosa estava mais pálida do que era costume, e os olhos cor de uísque encontravam-se agora vidrados. O casaco que usava por cima do arnês da arma era de um verde-vivo e, como fora Roarke a comprá-lo, era de caxemira.

Eve estava a pensar ir para casa e limpar a memória daquelas três horas com um litro de vinho, quando Mavis lhe segurou a mão.

— Dallas, olha! O bebé está a chegar!

— Hum? O quê? — Os olhos vidrados esbugalharam-se. — O quê? Agora? Oh, Deus. Respira, não é?

Quando Eve deu um salto da cadeira, ouviram-se risos em volta.

— Não é este bebé. — Com uma risadinha, Mavis afagou a sua barriga, que lembrava uma bola de basquete. — *Aquele* bebé.

Instintivamente, Eve olhou na direção em que a sua amiga apontava e deparou-se com uma imagem em grande plano da criatura viscosa, que deslizava, berrando e contorcendo-se, por entre as pernas da pobre mulher.

— Oh, caramba. Oh, Deus. — Sentou-se, antes que as suas pernas fraquejassem. Já sem se importar que a achassem medricas, agarrou a mão de Roarke e sentiu-a tão húmida como a sua.

As pessoas aplaudiram e *deram vivas* quando a pequena forma de aspeto escorregadio foi colocada sobre a barriga subitamente reduzida da mãe, e entre os seus seios volumosos.

— Em nome de tudo o que é sagrado... — murmurou Eve para Roarke. — Estamos em 2060, não em 1760. Não arranjam uma maneira melhor de conduzir este processo?

— Amém — foi tudo o que Roarke conseguiu dizer. Num fio de voz.

— Não é lindo? É o máximo, absolutamente o máximo. — As pestanas de Mavis, agora pintadas de um azul-safira, brilhavam com lágrimas. — É um menino. Ohhh, tão querido...

Eve ouviu, ao longe, o instrutor principal anunciar o fim da aula daquela noite — *graças a Deus* — e convidar as pessoas a ficarem mais um pouco, para uma refeição leve ou para fazerem perguntas.

— Ar — murmurou-lhe Roarke ao ouvido. — Preciso urgentemente de ar.

— São as grávidas. Acho que absorvem o oxigénio todo. Pensa em alguma coisa. Tira-nos daqui. Não consigo pensar. O meu cérebro não está a funcionar bem.

— Vem comigo. — Pôs-lhe uma mão por baixo do braço, ajudou-a a levantar-se.

— Mavis, eu e a Eve queremos levar-vos a um restaurante. Podemos jantar melhor do que aqui.

Eve apercebeu-se da tensão na voz dele, mas calculou que quem não o conhecesse tão bem como ela ouvisse apenas aquele discurso fluido e descontraído com sotaque irlandês.

O burburinho instalara-se e as mulheres formavam fila para a comida ou para as casas de banho. Em vez de pensar no que as pessoas em redor diziam ou faziam, Eve concentrou-se na cara de Roarke.

Se aquela cara não era capaz de distrair uma mulher, Eve estava demasiado perturbada para se preocupar.

Roarke talvez estivesse um pouco pálido, mas a pele branca só lhe intensificava o azul bravio dos olhos. O seu cabelo era uma moldura de seda preta em torno de um rosto desenhado para acelerar a pulsação de uma mulher. E aquela boca. Mesmo no estado em que se encontrava, Eve sentia a tentação de a provar.

E o corpo alimentava a fantasia: alto, esbelto e musculado, com um dos fatos de corte perfeito que usava para o trabalho.

Roarke não era apenas um dos homens mais ricos no universo conhecido — também aparentava sê-lo.

E naquele momento, porque lhe segurava no braço e a levava para longe daquele pesadelo, era também o seu herói.

Eve agarrou o seu casaco pela lapela.

— Estamos livres?

— Eles iam perguntar a uma amiga se queria vir connosco. — Segurando a mão de Eve, Roarke dirigiu-se a passo rápido para o elevador. — Disse-lhes que íamos buscar o carro, que os esperávamos à porta. Para não terem de andar.

— És brilhante. Um príncipe num cavalo branco. Se alguma vez recuperar deste trauma, vou comer-te até te fazer perder o juízo.

— Espero conseguir voltar ao meu juízo perfeito, para depois o perder. Valha-me Deus, Eve. Valha-me Deus.

— Digo o mesmo. Viste como aquilo deslizou quando...

— Para. — Puxou-a para o elevador, indicou o piso do parque de

estacionamento onde tinham o carro. — Se gostas de mim, não me lembras disso. — Encostou-se à parede do elevador. — Sempre respeitei as mulheres. Tu sabes.

Eve coçou o nariz.

— Passaste por cima de muitas. Mas sim — acrescentou, quando ele a fitou como se não compreendesse. — Com respeito.

— Esse respeito converteu-se agora a uma admiração de proporções bíblicas. Como é que elas *fazem* aquilo?

— Acabámos de ver. Em pormenor gráfico. E reparaste na Mavis? — Eve abanou a cabeça, saindo do elevador. — Tinha os olhos a brilhar. E não era de medo. Está ansiosa por fazer aquilo.

— O Leonardo estava um pouco verde, pareceu-me.

— Sim, bem, ele não gosta de ver sangue. E havia sangue... e outras coisas.

— Chega. Não se fala nisso.

Encontravam-se em finais de janeiro, e como estava mau tempo, Roarke levava um dos seus veículos todo-o-terreno. Era grande, preto e robusto. Quando ele inseriu o código para o destrancar, Eve encostou-se à porta do lado do passageiro, sem conseguir abri-la.

— Escuta, campeão. Temos de encarar isto, nós os dois.

— Não quero encará-lo.

Eve riu-se. Vira-o enfrentar a morte com mais confiança.

— O que aconteceu ali foi só uma amostra. Vamos estar na sala de parto quando ela empurrar a criatura para fora. Vamos ter de lá estar, a contar até dez, a dizer-lhe para respirar, ou para ter pensamentos agradáveis. O que for.

— Podíamos estar fora da cidade, ou no estrangeiro. Não, podíamos ter de viajar para fora do planeta. Isso seria o ideal. Vamos ser chamados a outro planeta para salvar o mundo de um qualquer génio do crime.

— Oh, quem me dera. Mas sabes que vamos estar aqui. Muito em breve, provavelmente, porque aquela bomba dentro dela está prestes a explodir.

Roarke suspirou, inclinando-se para encostar a testa à dela.

— Deus tenha piedade de nós, Eve. Deus tenha piedade.

— Se Deus tivesse piedade de nós, povoava o mundo sem precisar de intermediários. Ou intermediárias. Vamos beber. Muito.

O restaurante tinha um ambiente descontraído, era um pouco ruidoso, e servia exatamente o que a intermediária pedira. Mavis dava pequenos goles de uma qualquer bebida exótica de fruta que era quase tão efervescente como ela. Os seus caracóis prateados revoltos tinham as extremidades pintadas do mesmo tom safira que as pestanas. Esta noite os seus olhos estavam de um verde-vivo, para combinar — supunha Eve — com o tom da camisola de malha que lhe cobria o peito e a barriga como néon elástico. Numerosas argolas e torcidos pendiam-lhe das orelhas, lançando faíscas de luz quando ela mexia a cabeça. As suas calças azul-safira assentavam-lhe como uma segunda pele.

O amor da vida de Mavis estava sentado junto dela. Leonardo tinha a constituição de uma sequoia-vermelha e, sendo *designer* de moda, ele e Mavis apresentavam-se sempre com roupas exuberantes. Hoje Leonardo também trazia uma camisola de malha, com um padrão geométrico louco e intrincado de cores sobre um fundo dourado. De algum modo — diria Eve —, aquela peça combinava com o seu físico imponente e com a sua pele de um tom acobreado.

A amiga que tinham trazido com eles estava tão grávida como Mavis. Talvez ainda mais grávida, se possível. Mas a contrastar com o estilo fora de órbita de Mavis, Tandy Willowby usava um simples pulôver preto de decote em bico sobre uma *t-shirt* branca. Era loura e rosada, com olhos de um azul suave e um nariz arredondado.

No carro, Mavis encarregara-se das apresentações, explicando que Tandy vinha de Londres e que se mudara para Nova Iorque apenas alguns meses antes.

— Ainda bem que vieram esta noite. A Tandy não assistiu à aula — continuou Mavis, mastigando os aperitivos que Roarke pedira. — Só passou por lá no final da sessão para dar à enfermeira os *vouchers* para a Cegonha Branca. É uma loja magnífica de roupa de bebé onde a Tandy trabalha.

— É uma loja encantadora — concordou Tandy. — Mas não contava que me trouxessem a jantar fora. — Sorriu timidamente a Roarke. — Foi muito amável da sua parte. Da vossa parte — acrescentou, voltando-se para Eve. — A Mavis e o Leonardo falaram-me tanto de vocês. Devem estar muito entusiasmados.

— Porquê?

— Por irem assistir ao parto da Mavis.

— Ah. Ah, pois. Estamos...

— Nem temos palavras — concluiu Roarke. — É de que zona de Londres?

— Na verdade, nasci em Devon. Fui viver para Londres já adolescente, com o meu pai. E agora aqui estou, em Nova Iorque. Acho que gosto de viajar. Mas agora não me vou mudar tão cedo. — Com um ar sonhador, passou uma mão sobre a barriga. — Então é polícia. Deve ser fascinante. Mavis, nunca me disseste como foi que tu e a Dallas se conheceram.

— Ela prendeu-me — disse Mavis, entre duas dentadas.

— Estás a gozar. Não?

— Eu roubava. Era uma ladra talentosa.

— Não o bastante — comentou Eve.

— Quero que me contem tudo! Mas primeiro tenho de ir à casa de banho. De novo.

— Eu vou contigo. — À semelhança de Tandy, Mavis levantou-se a custo. — Dallas? Vens connosco?

— Passo.

— Lembro-me, vagamente, de como era não ter um peso na bexiga. — Tandy sorriu aos que ficavam à mesa, depois afastou-se, gíngando, com Mavis.

— Então... — Eve voltou-se para Leonardo. — Conheceram a Tandy nas aulas para o parto?

— Na preparação para o parto, sim — confirmou ele. — A Tandy deve dar à luz uma semana antes da Mavis. Foram simpáticos em convidá-la. Ela está a passar por tudo isto sem um companheiro.

— O que aconteceu ao pai? — perguntou Roarke. Leonardo encolheu os ombros.

— Ela não fala muito sobre isso. Diz que ele não estava envolvido, nem interessado. Se é assim, não a merece, nem a ela nem ao bebé. — A cara grande de Leonardo ficou tensa, com uma expressão dura. — Eu e a Mavis temos tanto... queremos ajudá-la o mais possível.

A antena cínica de Eve vibrou.

— Financeiramente?

— Não, penso que ela não aceitaria dinheiro, mesmo que precisasse. Parece não ter problemas desse tipo. Refiro-me a dar-lhe apoio, amizade. — Leonardo empalideceu um pouco. — Vou fazer parte da equipa dela. Será, eh... como um ensaio para o parto da Mavis.

— Estás cheio de miúfa, não?

Leonardo olhou na direção da casa de banho, depois novamente para Eve.

— Estou aterrorizado. Sou capaz de desmaiar. E se desmaiar?

— Tenta não cair em cima de mim — disse-lhe Roarke.

— A Mavis não está nervosa. Nem um bocadinho. E quanto mais a data se aproxima, mais eu me sinto... — Levantou as suas mãos grandes, abanou-as. — Não sei o que faria se vocês não estivessem lá. Para me ampararem.

Oh, raios, pensou Eve, trocando um olhar com Roarke.

— Onde é que havíamos de estar? — Fez sinal ao empregado para que lhe trouxesse mais um copo de vinho.

Duas horas mais tarde, depois de deixar Leonardo e Mavis, Roarke conduziu para sudeste, para levar também Tandy a casa.

— Posso ir de metro. Estou a causar incómodo, e são apenas alguns quarteirões.

— Se são apenas alguns quarteirões — disse Roarke —, não causa incómodo nenhum.

— Não me atrevo a discordar! — Tandy riu-se. — E é tão agradável estar num carro aquecido. Esta noite está um frio de rachar. — Recostou-se, suspirando. — Sinto-me mimada, e gorda como uma baleia. A Mavis e o Leonardo são impecáveis. Uma pessoa não consegue estar com eles cinco minutos e não ficar contente. E vejo que também têm sorte com os seus amigos. Ups.

Eve rodou a cabeça tão depressa que quase a fez saltar dos ombros.

— Nada de ups. Nada disso.

— Ele está só a dar-me uns pontapés. Nada de preocupante. Oh, sabe, a Mavis está radiante com o *baby shower* que vai organizar para ela na semana que vem. Está excitadíssima.

— *Baby shower*. Pois. Semana que vem.

— Cá estamos. Fico a meio deste bloco. Muito obrigada aos dois. — Tandy ajeitou o seu cachecol, pegou na sua mala de mão, que mais parecia uma mala de viagem. — Pelo jantar e pela excelente companhia, e por esta boleia de luxo. Vemo-nos no sábado, no *baby shower*.

— Precisa de ajuda, eh...?

— Não, não. — Tandy rejeitou a oferta de Eve com um aceno. — Até

uma baleia tem de se desenvencilhar. E embora eu ultimamente não consiga ver os meus pés, lembro-me de onde eles estão. Boa-noite e obrigada, mais uma vez.

Roarke aguardou, com o motor ligado, até Tandy entrar no prédio.

— Parece uma mulher simpática. Estável e sensata.

— Não é como a Mavis. À exceção do fator baleia. Deve ser difícil, estar grávida, sozinha, e nem sequer no seu próprio país. Parece estar a lidar bem com a situação. Diz-me, Roarke, porque é que temos de ter aulas, assistir a partos, e *ainda* organizar *baby showers*?

— Não tenho a resposta para essa pergunta.

Eve suspirou.

— Nem eu.

Eve estava a sonhar com bebés de muitos braços e dentes enormes que saíam de dentro de Mavis e começavam a andar pela sala, fazendo a enfermeira gritar enquanto Mavis arrulhava: *Não são queridos? Não são o máximo?*

O *link* na mesa de cabeceira deu sinal, arrancando-a do sonho. Eve estremeceu.

— Bloquear vídeo — ordenou. — Luzes a dez por cento. Dallas.

*Centro de Comunicações para Dallas,
tenente Eve. Dirija-se para o número 51
da Jane Street, apartamento 3B. Agentes no
local. Possível homicídio.*

— Entendido. Contactar Peabody, inspetora Delia. Estou a caminho.

Entendido. Fim de comunicação.

Eve voltou-se para Roarke e encontrou os seus olhos de *laser* azuis abertos e pousados nela.

— Desculpa — disse-lhe.

— Não sou eu que estou a ser arrancado de uma cama quente às quatro da manhã.

— Pois, tens razão. As pessoas deviam ter a atenção de se matarem umas às outras a horas decentes.

Eve rolou para fora da cama e encaminhou-se para a casa de banho, para tomar um duche muito rápido. Quando saiu, nua e quente do tubo de secagem, Roarke estava a beber uma chávena de café.

— Que fazes a pé?

— Estou acordado — respondeu ele, simplesmente. — E olha o que teria perdido, se tivesse voltado a adormecer. — Passou-lhe a segunda chávena de café que programara.

— Obrigada. — De chávena na mão, Eve dirigiu-se para o guarda-roupa. Devia estar um frio terrível lá fora. E passou pela cómoda, de onde tirou uma camisola de decote em bico para vestir sobre a camisa, por baixo do casaco.

Já por duas vezes tinham adiado planos para passar alguns dias nos trópicos. Mavis mais bebé era igual a mulher grávida a enlouquecer perante a ideia de a sua equipa de apoio ir de férias para a praia tão perto da data do parto.

Que haviam de fazer?

— Os bebés não nascem com dentes, pois não?

— Não. Não estou a ver como... — Roarke pousou a sua chávena, fitou-a com um ar confuso. — Porque é que me pões pensamentos desses na cabeça?

— Se estão na minha cabeça, amigo, também estão na tua.

— Vais ver se volto a trazer-te café.

Ela vestiu-se rapidamente.

— Talvez este homicídio seja obra de um génio do crime que me obrigue a ir para fora do planeta. Se fores bonzinho para mim, talvez te leve comigo.

— Não brinques com os meus sentimentos.

Ela riu-se, prendeu a arma ao arnês.

— Vejo-te quando te vir. — Atravessou o quarto e, caramba, ele era tão bonito, mesmo às quatro da manhã, deu-lhe um beijo em cada face e um terceiro, mais longo e mais terno, na boca.

— Mantenha-se em segurança, tenente.

— É o que tenciono fazer.

Eve correu escada abaixo e encontrou o seu casaco pendurado no pilar da escada. Costumava atirá-lo para ali porque era cómodo — e porque irritava Summerset, o mordomo de Roarke e a praga no seu mundo.

Enfiou o casaco, descobriu que acontecera um milagre e que as luvas estavam realmente no bolso. Já que o seu cachecol de caxemira também

ali estava, pô-lo ao pescoço. E apesar de tudo, sentiu-se enregelar mal saiu de casa.

Mas não tinha de que se queixar, pensou, já que casara com um homem que se lembrava de enviar o carro por controlo remoto para a frente da casa, e já com o ar condicionado a funcionar.

Depois de alguns passos ao frio, entrou no veículo aquecido.

A caminho dos portões, olhou pelo espelho retrovisor. A casa que Roarke construía enchia o espelho, pedra e vidro, protuberâncias e torções — e a luz acesa na janela do quarto que partilhavam.

Roarke tomaria uma segunda chávena de café, pensou ela, enquanto via no ecrã do quarto os relatórios da bolsa, os primeiros boletins da comunicação social e as notícias do mundo dos negócios. Provavelmente, faria algumas transmissões intercontinentais ou interplanetárias. Começar o dia antes do amanhecer não era nada de invulgar para Roarke, como ela bem sabia.

Sorte a sua, mais uma vez, por ter casado com um homem que se adaptava tão facilmente ao ritmo louco da vida de polícia a que estava sujeita.

Passou entre os portões, que se fecharam silenciosamente atrás dela.

Naquela zona de propriedades de luxo, o silêncio reinava — os ricos, os privilegiados ou afortunados dormiam, aconchegados, nas suas moradias, nos seus condomínios e apartamentos climatizados. Mas a poucos quarteirões de distância, a cidade palpitava, desperta.

Nuvens de vapor quente saíam das grelhas de ventilação, à medida que o mundo subterrâneo da cidade se movia e trepidava sob as estradas e passeios. No ar, dirigíveis publicitários já anunciavam as pechinchas do dia. Mas quem queria saber das promoções do Dia de São Valentim no Sky Mall àquela hora?, perguntou-se Eve. Quem, no seu perfeito juízo, se aventuraria na insanidade de um centro comercial para poupar uns trocos em bombons em forma de coração?

Passou por um ecrã onde pessoas de uma perfeição impossível corriam sobre areia branca como açúcar e mergulhavam em ondas azuis. Aquilo, pelo menos, fazia mais sentido.

Os riscos amarelos dos Rapid Cabs já percorriam as ruas. A caminho de terminais de transporte, sobretudo, pensou Eve. De onde partiriam os primeiros voos da manhã. Dois maxiautocarros expeliam os seus gases pela estrada fora, levando os infelizes dos turnos da madrugada, ou aqueles, mais sortudos, que regressavam a casa depois do serviço da noite.

Eve fez um desvio, evitando a interminável festa na Broadway. De dia ou de noite, estivesse um calor sufocante ou um frio de rachar, turistas e os ladrões de rua que os adoravam reuniam-se naquela meca de ruído, luz, movimento.

Algumas das espeluncas da Ninth ainda estavam abertas àquela hora. Um grupo de rufias, com botas grossas e casacos demasiado cheios, deambulava pela rua — provavelmente a consumir substâncias ilegais. Mas se andavam à procura de sarilhos, teriam dificuldade em arranjar-las antes das cinco da manhã, com as temperaturas a rondar os dez graus negativos.

Eve passou por uma secção da classe trabalhadora do bairro de Chelsea e entrou na zona mais artística do Village.

O carro-patrolha estava de frente para o passeio, diante de um edifício restaurado na Jane. Eve estacionou numa zona de cargas e descargas, a meio quarteirão de distância, ligou a luz (em serviço) e saiu para a noite fria. Acabava de tirar o seu *kit* de de campo e de trancar o carro quando avistou a sua parceira à esquina, caminhando a passo rápido.

Peabody parecia uma exploradora do Ártico, embrulhada num casaco grosso felpudo cor de ferrugem, com um quilómetro de cachecol vermelho à volta do pescoço e um gorro da mesma cor a cobrir-lhe o cabelo escuro. A sua respiração formava nuvens, como fumo expelido de uma máquina.

— Porque é que as pessoas não se podem matar depois de o Sol nascer? — disse Peabody, arquejando.

— Pareces um dirigível, com esse casaco.

— Eu sei, mas é muito quentinho e faz-me sentir elegante quando o dispo.

Juntas, encaminharam-se para a moradia, e Eve ligou o seu gravador.

— Não há câmaras de vigilância — observou. — Nem leitor biométrico para a palma da mão. A fechadura foi manipulada.

As janelas do rés-do-chão tinham grades, reparou Eve. E a tinta da porta e à volta da janela estava cinzenta e a cair. O proprietário do edifício não se incomodava muito com manutenção e segurança.

Uma agente abriu a porta e cumprimentou-as com um aceno de cabeça.

— Tenente, inspetora. Frio terrível — disse. — A chamada para o 112 foi às 3h42. Foi a irmã da vítima que ligou. A minha parceira está com ela lá em cima. Respondemos, chegámos por volta das 3h46. Observámos

que a porta do edifício fora comprometida. A vítima encontra-se no terceiro piso, no quarto. A porta do corredor também foi comprometida. Deu luta, ao que parece. Mãos e pés atados com a nossa velha amiga de confiança, a fita adesiva. Fê-la passar um mau bocado, antes de acabar com ela. Parece ter sido estrangulada com o cinto do roupão, que ainda está à volta do pescoço.

— Onde estava a irmã enquanto isto acontecia? — perguntou Eve.

— Diz que tinha acabado de chegar. Viaja em trabalho. Fica em casa da irmã quando vem a Nova Iorque. Chama-se Palma Copperfield. Hospedeira de bordo na World Wide Air. Contaminou um pouco o local do crime; vomitou para o chão e mexeu no corpo, antes de tornar a sair e de ligar para o 112.

A agente olhou na direção do elevador.

— Estava sentada nos degraus lá fora, aos berros, quando chegámos. Quase não parou de berrar desde então.

— É sempre divertido. Mande a equipa forense entrar, quando eles chegarem.

Pensando na fraca manutenção da casa, Eve dirigiu-se para a escada e despiu o casaco enquanto subia.

Um apartamento por nível, reparou. Espaço razoável, privacidade.

No terceiro piso, viu que o apartamento tinha um óculo novinho em folha e uma fechadura de alta segurança. Ambos tinham sido destruídos de um modo que indicava trabalho amador — e eficaz.

Eve entrou no apartamento e viu-se numa sala onde uma segunda agente se encontrava de pé junto de uma mulher que estava embrulhada num cobertor, a tremer.

Vinte e poucos anos, calculou Eve, com o cabelo louro penteado num comprido rabo de cavalo, a cara maquilhada lavada em lágrimas. Segurava com as duas mãos um copo transparente, com o que Eve supôs ser água.

Reprimiu um soluço.

— Senhora Copperfield, sou a tenente Dallas. A minha parceira, inspetora Peabody.

— Dos Homicídios. Dos Homicídios — balbuciou a mulher, com uma pronúncia que Eve identificou como do Midwest.

— Exatamente.

— Mataram a Nat. Mataram a minha irmã. Está morta. A Natalie está morta.

— Sinto muito. Pode dizer-nos o que aconteceu?

— Eu... eu entrei em casa. Ela estava à minha espera. Liguei-lhe esta manhã para a lembrar. Chegámos tarde, e fui tomar um copo para relaxar com a outra hospedeira, a Mae. A porta do prédio... a porta tinha a fechadura avariada. Não precisei da minha chave. Tenho uma chave. E subi, e a fechadura... a minha irmã tinha uma fechadura nova, e deu-me o código esta manhã, quando... quando telefonei? Mas parecia avariada. A porta nem sequer estava trancada. Pensei: «Isto é estranho, isto é muito estranho», porque a Nat nunca ia para a cama sem trancar tudo. Então, achei melhor ir verificar, ir espreitá-la antes de me deitar. E vi-a... Oh, Deus, oh, Deus, ela estava caída no chão e estava tudo destruído e ela estava no chão, e a cara dela. A cara dela.

Palma recomeçou a chorar, e lágrimas grossas correram-lhe pelas faces.

— Estava ferida e vermelha, e os olhos... Corri para ela e chamei-a. Acho que a chamei e que tentei acordá-la. Tentei levantá-la. Ela não estava a dormir. Eu sabia que ela não estava a dormir, mas tinha de tentar acordá-la. A minha irmã. Alguém matou a minha irmã.

— Agora vamos cuidar dela. — Eve calculou o tempo que levariam a examinar o local, primeiro ela, depois os técnicos forenses. — Vou precisar de voltar a falar consigo, daqui a pouco, por isso vou pedir que a levem para a Central. Pode esperar lá por mim.

— Acho que não devo deixar a Nat. Não sei o que fazer, mas devo ficar com a Nat.

— Agora tem de a deixar connosco. Peabody.

— Eu encarrego-me dela.

Eve olhou para a agente, que lhe indicou uma porta.

Eve deixou a mulher a chorar. Depois, vestiu o equipamento protetor e foi ao encontro da morte.

C A P Í T U L O 2



Era um quarto amplo, com uma área de estar confortável do lado da rua. Eve imaginou que Natalie se sentasse ali, a olhar lá para fora. A cama tinha um aspeto feminino e espalhafatoso. Havia muitas almofadas espalhadas pelo quarto — algumas ensanguentadas —, que antes deviam estar sobre a colcha de renda branca e cor-de-rosa. Era o tipo de decoração que algumas mulheres apreciavam.

Havia um pequeno ecrã, posicionado de modo a ser visto tanto da cama como do sofá, imagens de flores emolduradas, uma cómoda comprida. Havia frascos e vários outros objetos no chão — alguns partidos —, que antes estariam na cómoda, num qualquer arranjo feminino.

Dois tapetes felpudos cobriam o chão. Natalie encontrava-se estendida sobre um deles, as pernas contorcidas e amarradas nos tornozelos, as mãos atadas à frente do tronco, unidas, como se ela rezasse em desespero.

Tinha vestido um pijama axadrezado azul e branco, manchado de sangue. Um roupão, também azul, estava caído a um canto. O cinto a combinar encontrava-se à volta do pescoço dela.

Ambos os tapetes felpudos estavam sujos de sangue e havia uma poça de vomitado junto à porta. O sangue e o vomitado empestavam o quarto, juntamente com o odor a urina.

Eve aproximou-se do corpo, agachou-se, procedeu ao habitual teste de identificação da vítima e determinou a hora da morte.

— A vítima é uma mulher caucasiana, vinte e seis anos de idade,

identificada como Copperfield, Natalie, residente no local. Os ferimentos faciais sugerem trauma infligido por volta da altura da morte. O nariz parece estar fraturado, assim como dois dedos da mão direita. O ombro tem queimaduras visíveis, onde a parte de cima do pijama foi rasgada. Mais queimaduras na planta dos pés. A pele apresenta um tom azul-acinzentado compatível com estrangulação. Olhos raiados de sangue e salientes. A testemunha tocou no corpo após a descoberta, alguma contaminação do local. Hora da morte: 1h45, cerca de duas horas antes de o corpo ser encontrado.

Virou-se para a porta quando Peabody se aproximou.

— Atenção ao vomitado — alertou-a.

— Obrigada. Tenho dois agentes e um psicólogo do departamento a caminho para virem buscar a irmã.

— Ótimo. A vítima ainda tem o pijama vestido. Agressão sexual é improvável. Olha aqui, à volta da boca. Esteve amordaçada, em algum momento. Teve fita adesiva na cara. Estás a ver o dedo mindinho e o anelar?

— Au. Partidos.

— Partiu-lhe dedos, partiu-lhe o nariz. Queimou-a. Muitos objetos quebrados, o que pode ter acontecido numa luta, ou pode ter sido feito pelo assassino, numa espécie de afirmação.

Peabody dirigiu-se para uma porta.

— Aqui fica a casa de banho. Nenhum *link* na mesa de cabeceira, mas está um aqui no chão.

— O que deduzes disso?

— Que a vítima agarrou no *link*, tentou chegar à casa de banho. Talvez na esperança de se trancar e de telefonar a pedir ajuda. Não conseguiu.

— É o que parece. Ela acorda, ouve alguém no apartamento. Julga que é a irmã. Chama-a, talvez, ou vira-se para o lado, para continuar a dormir. A porta abre-se. Não é a irmã. Pega no *link*, tenta correr. É possível. Tem uma fechadura nova na porta, uma fechadura boa, com um óculo de segurança. Talvez ande alguém a incomodá-la. Vê se ela apresentou alguma queixa nos últimos meses.

Eve endireitou-se, dirigiu-se para a porta do corredor.

— Se o assassino entrou por aqui, ela viu-o da cama. Foi esperta: pegou no *link* e correu no sentido oposto, para uma divisão onde se podia trancar. Bastante esperta, e de raciocínio rápido, se tinha acabado de acordar.

Voltou para junto da cama, contornou-a, calculando a distância até à casa de banho, e viu algo a brilhar no chão. Agachou-se e segurou uma faca de cozinha com os dedos enluvados.

— Ora, porque teria ela uma faca junto à cama?

— Um facalhão. — Peabody aproximou-se. — Do assassino?

— Nesse caso, porque não a usou? Aposto que veio da cozinha dela. Fechaduras novas — continuou Eve — e uma faca ao lado da cama. Tinha medo de alguém.

— Não há registo de queixas. Se estava preocupada, não foi à Polícia.

Eve inspecionou a cama, espreitou debaixo do colchão, sacudiu as almofadas. Depois foi até à casa de banho. Pequena, arrumada, com uma decoração feminina, à semelhança do quarto. Nada indicava que o assassino tivesse estado ali. Mas Eve franziu os lábios quando abriu o armário e encontrou desodorizante de homem, espuma de barbear *Beard-B-Gone* e água de colónia masculina.

— Ela tinha namorado — disse Eve, saindo para o quarto e começando a remexer as gavetas da mesa de cabeceira. — Preservativos, óleo corporal comestível.

— Uma separação difícil, talvez. Se o ex tinha a chave de casa, mudar a fechadura seria a primeira coisa a fazer. Talvez o tipo não tenha gostado de ser despachado.

— Talvez — repetiu Eve. — Nesses casos, é comum haver agressão sexual. Verifica no *link* dela as chamadas feitas e recebidas nos últimos dias. Quero ver o resto do apartamento.

Saiu do quarto e foi novamente observar a sala. Se tivesse sido uma separação difícil, ela havia de esperar que o ex lhe ficasse a bater à porta algum tempo. *Vá lá, Nat, que raio! Deixa-me entrar. Temos de conversar.* Se o tipo estivesse lixado, e se a porta não fosse robusta, o mais provável seria ele deitá-la abaixo. Mas nunca se sabia. Eve dirigiu-se para a cozinha. Era espaçosa e, ao que parecia, uma divisão da casa que a vítima usava. Sobre a bancada branca imaculada, estava um faqueiro, com uma faca a menos.

Eve passou ao segundo quarto, mobilado como um escritório, e ergueu as sobranceiras. Aquela divisão estava de pernas para o ar. O centro de dados e comunicação, que Eve esperava descobrir sobre a reluzente secretária metálica, não se encontrava em parte alguma.

— Não vejo unidade de comunicação no escritório — disse para Peabody.

— Que tipo de escritório não tem uma unidade?

— Precisamente. Nem um único disco. Como estão aqui outros equipamentos eletrônicos, igualmente fáceis de transportar, sabemos que o alvo era o computador. O computador e a vítima. Então, o que tinha a Natalie que outra pessoa quisesse?

— Algo suficiente não só para alguém a matar, mas para a fazer sofrer primeiro — disse Peabody, com uma nota de compaixão na voz, olhando na direção do corpo. — Neste *link* só está a chamada da irmã, às dez da manhã, e uma chamada às sete e meia para a Sloan, Myers & Kraus. Ela ligou a dizer que estava dente. É uma empresa de contabilidade, com escritórios na Hudson. As chamadas anteriores a esta, na manhã de ontem, foram apagadas. A Divisão de Detecção Eletrônica pode recuperá-las. Queres ouvir o que ficou registado?

— Sim, mas vamos levar o *link*. Quero voltar a falar com a irmã.

A caminho da Central, Peabody leu no seu computador a informação sobre a vítima.

— Nasceu em Cleveland, Ohio. Os pais, ambos professores, continuam casados. Uma irmã, três anos mais nova. Registo criminal limpo. Contabilista na Sloan, Myers & Kraus nos últimos quatro anos. Nunca casou e não há registo de coabitação. Reside no apartamento na Jane Street há dezoito meses. Antes morou na Sixteenth, em Chelsea, e antes disso em Cleveland, endereço dos pais. Trabalhou para uma empresa de contabilidade em Cleveland, a tempo parcial. Parece ter sido um estágio, quando estava na faculdade.

— Contabilista, muda-se para Nova Iorque. O que encontras sobre a empresa daqui?

— Dá-me um segundo. Aqui está, empresa de renome — começou Peabody, lendo os dados. — Clientes ricos, várias empresas. Edifício de três pisos na Hudson Street, com cerca de duzentos funcionários. Têm as portas abertas há mais de quarenta anos. Ah, a vítima era gestora de contabilidade.

Eve entrou no parque de estacionamento subterrâneo da Central de Polícia, refletindo sobre aquele novo dado.

— Devia ter acesso a informação interessante sobre os tais clientes ricos. Contabilidade criativa, lavagem de dinheiro. Evasão fiscal. Crime organizado. Outro funcionário que praticasse fraude. Chantagem, extorsão, desvio de fundos.

— A empresa tem uma boa reputação.

— Isso não significa que todos os seus clientes ou funcionários sejam honestos. É um ângulo a considerar.

Estacionaram, caminharam até aos elevadores.

— Precisamos do nome do namorado, passado ou presente. Fala com os outros inquilinos do prédio. Descobre o que ela poderá ter contado à irmã sobre o trabalho, ou sobre problemas pessoais. Ao que parece, a vítima estava à espera de um problema, um problema que não quis participar, ou que não tinha ainda decidido participar. À Polícia, pelo menos.

— Mas pode ter falado com um colega, ou com um superior, se estivesse relacionado com trabalho.

— Ou com um amigo.

A cada paragem, mais pessoas entravam, apinhando o elevador. Eve distinguia o cheiro a sabonete de menta de alguém que estava a chegar ao trabalho, e o odor a suor de alguém que terminava um turno longo. Abriu caminho a custo para sair no seu piso.

— Vamos preparar uma sala de interrogatório — disse. — Não quero falar com ela na sala de espera. Há demasiadas distrações. Se ela quiser o conselheiro do luto, ele pode assistir.

Eve entrou na sala comum e dirigiu-se para o seu gabinete. Despiu o casaco, depois verificou o álibi da testemunha. Palma Copperfield estivera realmente de serviço no vaivém que partira de Las Vegas, e acabara de aterrar no aeroporto da baixa quando a sua irmã fora estrangulada.

— Dallas.

Eve ergueu os olhos para Baxter, um dos inspetores da sua unidade.

— Não bebo café há duas horas — avisou-o. — Ou talvez três.

— Ouvi dizer que ias interrogar uma Palma Copperfield.

— Sim, como testemunha. A irmã foi estrangulada esta noite.

— Ah, merda. — Baxter passou uma mão pelo cabelo. — Estava com esperança de ter percebido mal.

— Conhece-las?

— A Palma, um pouco. Não a vítima. Conheci a Palma há uns meses... amiga duma amiga duma amiga... numa festa. Saímos juntos algumas vezes.

— Ela tem vinte e três anos.

Ele lançou-lhe um olhar carrancudo.

— Também ainda não meti os papéis para a reforma. Seja como for, não se passou nada de mais. É uma mulher impecável. Realmente impecável. Fizeram-lhe mal?

— Não. Encontrou a irmã morta, no apartamento onde morava.

— Raios. Deve ter sido duro. Eram bastante chegadas, parece-me. A Palma disse-me que ficava em casa da irmã quando vinha a Nova Iorque. Uma vez deixei-a à porta do prédio, na Jane Street, depois de irmos jantar.

— Ainda estão envolvidos?

— Não... Não estivemos envolvidos. Saímos juntos algumas vezes, só isso. — Baxter enfiou as mãos nos bolsos, como se não soubesse o que fazer com elas. — Escuta, se achares que uma cara familiar pode ajudar, posso falar com ela.

— Talvez. Sim, talvez. A Peabody está a preparar uma sala de interrogatório. A sala de espera tem demasiado movimento para isto. Ela estava muito perturbada quando fez o primeiro depoimento. Sabes se a irmã estava envolvida com alguém?

— Ah, sim. Tinha namorado... gestor financeiro, corretor da bolsa, algo do género. Era sério, acho que iam casar. Não prestei muita atenção, sabes, não andava atrás da irmã.

— Apanhaste a testemunha, Baxter?

— Nada disso. — Ele esboçou um sorriso. — Como eu disse, é uma mulher impecável.

Por outras palavras, não tinham ido para a cama, o que facilitava a questão de ter Baxter a assistir ao interrogatório.

— Está bem, vou pedir à Peabody que se encarregue do *link*. Nós falamos com a testemunha.

Eve deixou Baxter entrar na sala de interrogatório à sua frente, e observou Palma, quando ela virou a cara lavada em lágrimas para a porta. Pestanejou, como se tentasse processar uma nova informação, depois o seu rosto acusou uma série de emoções. Reconhecimento, alívio, consternação e, por fim, novamente dor.

— Bax. Oh, Deus. — Estendeu ambas as mãos, que Baxter, aproximando-se, segurou entre as suas.

— Palma, sinto muito.

— Não sei o que fazer. A Nat. A minha irmã, mataram-na. Não sei o que fazer.

— Nós vamos ajudar-te.

— Ela nunca fez mal a ninguém. Bax, ela nunca fez mal a ninguém, em toda a sua vida. A cara dela...

— Isto é difícil. É muito difícil. Mas podes ajudar-nos a ajudá-la.

— Sim. Está bem, mas tu podes ficar, certo? Ele pode ficar? — perguntou a Eve.

— Claro. Vou apenas ligar o gravador e fazer-lhe algumas perguntas.

— Não pensa que eu... Não pensa que eu fiz mal à minha irmã...?

— Ninguém pensa isso, Palma. — Baxter apertou-lhe a mão. — Temos de fazer perguntas. Quanto mais soubermos, mais depressa podemos encontrar a pessoa que fez isto.

— Vão encontrar essa pessoa — disse ela, devagar, como se também essa informação tivesse de ser processada. Depois, fechou os olhos por um instante. — Vão apanhar essa pessoa. Vou dizer-vos tudo o que puder.

Eve ligou o gravador, leu os dados necessários.

— Chegou a Nova Iorque esta madrugada, correto?

— Sim, vim de Las Vegas. Aterrámos por volta das duas horas, saímos, não sei, talvez uns vinte minutos depois. Sim, mais ou menos isso. Saí com a Mae, que esteve de serviço comigo... parámos no bar do aeroporto, para tomar um copo de vinho. Descontrair um pouco. Partilhámos um táxi para a cidade. Ela saiu primeiro. A Mae divide um apartamento com outras duas hospedeiras, no East Side. Depois fui para casa da Nat.

Fez uma pausa, respirou fundo, depois bebeu um gole de água da chávena de plástico que estava sobre a mesa.

— Paguei o táxi e dirigi-me para a porta do prédio. Tinha a chave na mão, e sei o código da Nat. Mas a fechadura estava avariada. Às vezes acontece, por isso não dei muita importância. Não nessa altura. Mas quando cheguei ao apartamento da Nat, a fechadura... ela disse-me que tinha uma fechadura nova... também não estava boa. Senti um aperto na barriga. Mas pensei, não sei bem, pensei que a fechadura tivesse sido mal instalada.

— Reparou em algo invulgar quando entrou? A porta dá para a sala — disse Eve.

— Não prestei atenção. Prendi a corrente de segurança... era natural que ela não tivesse posto a corrente, como estava à minha espera. E deixei a minha mala à porta, porque achei melhor ir espreitar a Nat, certificar-me de que estava tudo bem. Mas não estava.

As lágrimas tremularam-lhe nos olhos e correram-lhe pela cara, mas Palma continuou.

— Encontrei-a no chão, havia sangue, e o quarto estava... como se tivesse havido uma luta. Vidro partido, dos frascos de perfume e das caixinhas que ela gostava de colecionar. A Nat estava no chão. Os tapetes

cor-de-rosa. Estávamos juntas quando ela comprou aqueles tapetes. Eram macios, como um gato. Ela não podia ter animais. Os tapetes eram macios. Desculpem.

— Estás a sair-te muito bem — encorajou-a Baxter. — Muito bem.

— Corri para junto dela. Acho eu... é tudo muito confuso. Será que gritei? Acho que gritei o nome dela e corri e tentei levantá-la, abanei-a, para a acordar, embora soubesse... Não queria que ela estivesse morta. Tinha a cara ferida, ensanguentada, e os olhos... Eu sabia que ela estava morta. Tinha fita adesiva à volta das mãos.

Como se tivesse acabado de se lembrar, olhou para Eve, chocada.

— Oh, Deus, as mãos dela, os tornozelos. Estavam atados com fita. — Palma levou uma mão trémula à boca. — Eu tinha de ligar a pedir ajuda, mas vomitei antes de conseguir sair, antes de tirar o *link* da mala. Estava nauseada. Depois corri dali para fora. Não conseguia ficar ali, por isso corri para fora e liguei para o 112, e sentei-me na escada. Devia ter voltado lá para dentro, devia ter ficado com ela. Não devia tê-la deixado sozinha.

— Fizeste exatamente o que devias. — Baxter pegou na chávena de água, pô-la de novo na mão dela. — Exatamente o que devias.

— Ela disse-lhe se andava alguém a incomodá-la? — perguntou Eve.

— Não, mas *alguma coisa* estava a incomodá-la. Dava para perceber. Pareceu-me triste quando falámos, ontem de manhã, mas perguntei-lhe o que se passava e ela disse que não era nada de importante. Que tinha muito em que pensar, só isso.

— Ela estava envolvida com alguém? Com um homem?

— O Bick! Oh, meu Deus, o Bick. Nem me lembrei dele. — Os olhos de Palma encheram-se novamente de lágrimas, e ela pressionou os lábios com ambas as mãos. — Estão noivos. Vão casar-se em maio. Oh, meu Deus, tenho de falar com ele.

— Qual é o seu nome completo?

— Bick. Bick Byson. Trabalham juntos. Bem, para a mesma empresa. Em departamentos diferentes. A Nat é gestora de contabilidade na Sloan, Myers & Kraus. O Bick é gestor financeiro. Estão juntos há quase dois anos. Como vou conseguir dizer-lhe?

— É melhor sermos nós a tratar disso.

— E os meus pais. — Palma começou a balouçar-se na cadeira, para a frente e para trás. — Preciso de lhes dizer. Não quero fazê-lo por *link*. Tenho de ficar aqui? Preciso de ir a casa, a Cleveland, e dizer-lhes que a Nat morreu. Nat.

— Podemos falar sobre isso quando terminarmos — disse-lhe Eve.
— A sua irmã e o noivo estavam a ter problemas?

— Não. Não, que eu saiba. São loucos um pelo outro. Pensei que talvez tivessem discutido e que ela estivesse triste por isso. Todos aqueles planos para o casamento, uma pessoa fica tensa. Mas estão muito felizes juntos. Estão muito bem juntos.

— Ela tinha algum anel de noivado?

— Não. — Palma voltou a respirar fundo. — Acharam que não valia a pena, para não gastarem dinheiro. O Bick é fantástico, mas é muito poupado. A Nat não se importou. Bem, ela também é assim, sabe? Pôr dinheiro de parte para o futuro.

— Ele não vivia com ela? Assim poupava o dinheiro da renda.

— Ela não o deixava. — Pela primeira vez, Palma sorriu, e Eve percebeu que Baxter se tivesse sentido atraído por ela. — Queria esperar até estarem casados. Somos bastante antiquados, na minha família. Acho que os meus pais gostam de acreditar que a Nat nem sequer dormia com o Bick. Eles adoravam-se — murmurou. — Ficavam muito bem juntos.

— Ela tinha problemas no trabalho?

— Nunca o mencionou. Eu não a via há três semanas. Tive a oportunidade de ficar com a viagem de Nova L.A. para o Havai durante dez dias, depois fiquei lá de férias com duas amigas. Tinha acabado de regressar aos voos Vegas-Nova Iorque. Falei com ela algumas vezes, mas... Agora é que íamos passar algum tempo juntas, fazer compras, continuar os preparativos para o casamento. Ela não me falou em problema nenhum, de trabalho ou outro, mas *sei* que se passava algo de errado. Eu é que não prestei atenção suficiente.

Eve saiu da sala com Baxter.

— Sabes alguma coisa sobre o noivo da vítima?

— Não. — Baxter esfregou a nuca. — A Palma mencionou que a irmã se ia casar. Estava animada com a ideia, e foi por isso que eu... me afastei. Essas coisas podem entusiasmar as pessoas.

— Os teus problemas com os compromissos não são para aqui chamados, por isso, esquece. Foi útil teres estado lá dentro com ela, ver uma cara familiar acalmou-a um pouco. Talvez possas pô-la num vaivém... No teu horário de trabalho. Para ela ir ver os pais.

— Agradeço, tenente. Também posso tirar umas horas para fazer isso.

— Em horário de trabalho — repetiu Eve. — Certifica-te de que ela compreende que tem de estar disponível para mim. Quero saber onde ela está, quando volta. O procedimento habitual.

— Entendido. Tenho muita pena dela. Vais investigar o namorado.

— É o passo seguinte.

— O Byson não apareceu no escritório. — Peabody subiu para o deslizante atrás de Eve. — O que, segundo a sua assistente, não é normal. Raramente falta e avisa sempre que tem de sair à pressa ou vai chegar atrasado. Ela ficou preocupada e ligou-lhe para casa e para o *link* de bolso, mas ele não atendeu.

— Tens a morada?

— Sim, fica na Broome Street, em Tribeca. Segundo a assistente tagarela, ele e a vítima acabaram de comprar o *loft*, e ele já se mudou para lá. Estão a fazer remodelações, antes do casamento.

— Vamos até lá.

— Pode estar escondido — disse Peabody, saltando do deslizante e caminhando rapidamente para o elevador do parque de estacionamento. — Zanga-se com a namorada, ataca-a, corre para casa. Foge.

— Isto não foi pessoal.

Peabody franziu o sobrolho. Tinham saído do elevador e atravessavam o parque.

— Aquele tipo de ferimentos faciais e a estrangulação cara a cara parecem apontar para isso.

— Encontrámos ferramentas no local do crime?

— Ferramentas?

— Chave de parafusos, martelo, nivelador *laser*?

— Não. O que significa... Ah. — Anuindo, Peabody entrou no carro. — A fita adesiva. Se ela não tinha ferramentas básicas, porque havia de ter fita adesiva? O assassino trouxe a fita, o que diminui a probabilidade de crime passional.

— Além disso, não houve agressões sexuais. Fechaduras forçadas. Quando a irmã da vítima falou com ela, horas antes do assassinio, não teve indicação de que houvesse problemas no paraíso. Não foi pessoal — repetiu Eve. — Foi trabalho.

O *loft* ficava num prédio antigo, bem conservado, num bairro onde as pessoas pintavam os degraus à entrada das casas e se sentavam neles em noites amenas de verão. As janelas voltadas para a rua eram amplas, para que os inquilinos tivessem uma boa vista do exterior, e as lojas iam desde a pastelaria e a mercearia familiar às *boutiques* sofisticadas onde um par de sapatos custava tanto como uma viagem a Paris e deixava os pés de quem os usasse num estado miserável.

Alguns apartamentos incluíam o luxo de varandas, onde, imaginava Eve, as pessoas colocavam plantas e cadeiras quando estava bom tempo, para ali se sentarem a tomar uma bebida fresca, enquanto observavam o movimento na rua.

A avaliar pelo exterior, tratava-se de um apartamento muito superior ao que Nat alugava na Jane Street, e era o tipo de residência adequado ao rendimento combinado de jovens executivos urbanos que estavam a subir na vida.

Byson não respondeu ao toque da campainha, mas antes que Eve pudesse usar o seu cartão-mestre, uma voz de mulher fez-se ouvir através do intercomunicador.

— Procuram o senhor Byron?

— Sim. — Havia um ecrã de segurança e Eve mostrou o seu distintivo. — Polícia. Quer abrir a porta?

— Um momento.

Ouviu-se um zunido, depois o estalido da fechadura. Entraram para um pequeno átrio comum, onde alguém se dera ao trabalho de colocar uma planta viçosa num vaso colorido. Ouvindo o elevador a descer, Eve aguardou.

A mulher que saiu do elevador vestia uma camisola vermelha e calças cinzentas; tinha uma cara bonita e o cabelo castanho preso num pequeno rabo de cavalo. Trazia um bebé de idade indeterminada pendurado na anca.

— Fui eu que abri a porta — disse a mulher. — Sou vizinha do senhor Byron. O que se passa?

— Precisamos de falar com ele.

— Não sei se ele está em casa. — Ajeitou o bebé enquanto falava. A criança fitou Eve com os olhos muito abertos, depois enfiou o polegar na boca e chupou-o como se tivesse ópio. — Deve estar no trabalho, a esta hora.

— Não está.

— É estranho, porque costumo ouvi-lo sair de casa. Vivemos no mesmo piso, e eu ouço o elevador. Esta manhã não dei por isso. E o canalizador veio cá hoje, na verdade. Quando marcam com o pessoal das obras... estão a remodelar o apartamento... ele passa pela minha casa e pede-me para vir abrir a porta, sabe? Hoje não me disse nada, por isso eu não abri a porta. Nunca se sabe. Podia ser alguém com uma chave inglesa a assaltá-lo.

— Então, tem a chave do apartamento dele?

— Sim, a chave e o código. Aconteceu alguma coisa, não foi? Se querem que lhes abra a porta, têm de me dar alguma ideia do que se passa. Não me sinto confortável a deixar-vos entrar, se não tiver razão para isso.

— Aconteceu alguma coisa. — Eve ergueu de novo o distintivo. — A noiva do senhor Byson foi assassinada.

— Oh, não. — A mulher abanou a cabeça de um lado para o outro. — Não. Não pode ter sido a Nat.

A sua voz tornou-se mais aguda e fraquejou. Em resposta, a criança tirou o polegar da boca e berrou.

— Conhecia-a. — Eve deu um subtil passo ao lado, afastando-se da criança.

— Claro. Ela vinha cá muitas vezes. Iam casar-se daqui a meses. — Os olhos da mulher encheram-se de lágrimas, e ela apertou a criança nos braços. — Gostava muito dela. Estamos todos ansiosos por ser vizinhos. O Bick e a Nat, eu e o meu marido. Nós... Nem posso acreditar. O que aconteceu? O que aconteceu à Nat?

— Precisamos de falar com o senhor Byson.

— Oh, Deus. Meu Deus. Sim, claro. — Obviamente abalada, chamou o elevador. — Isto vai matá-lo. Chh, Crissy, chh. — Balouçava a criança e dava-lhe palmadinhas. — Eram doidos um pelo outro, mas não de uma forma doentia, se é que me entende — disse quando entraram no elevador. — Eu gostava tanto dela. Talvez haja algum erro.

— Lamento — retorquiu Eve, simplesmente. — Ela mencionou algum problema? Alguma coisa, alguém que estivesse a importuná-la?

— Não. Só o nervosismo em relação ao casamento, o habitual. Iam casar em Cleveland, a terra dela. Eu e o Hunt estávamos convidados... era a nossa primeira viagem desde que a Crissy nasceu. O Hunt é o meu marido. Vou buscar a chave — acrescentou quando as portas do elevador se abriram. — Aquela é a porta dele. Moramos no mesmo andar.

— São só dois apartamentos aqui em cima?

— Sim. Temos uma boa área. Muita luz. Eu e o Hunt comprámos a nossa casa quando fiquei grávida. É um bom bairro, e temos três quartos.

Abriu a sua porta, balouçando incansavelmente a criança, que agora tinha a boca aberta e o olhar vidrado de um drogado satisfeito. Segurando a porta com uma anca, a vizinha tirou um conjunto de chaves de um prato fundo que estava num móvel junto à porta.

— Ainda não sabemos o seu nome — disse-lhe Eve.

— Oh, peço desculpa. Gracie. Gracie York. — Girou a chave na fechadura, digitou um código no dispositivo destinado ao efeito. — Talvez o Bick tenha tido assuntos a tratar, ou algo assim. Como não o ouvi, deve ter saído muito cedo. A Crissy tem-me dado más noites, por isso deixei-me dormir até mais tarde. Estão a nascer-lhe os dentes. — Gracie começou a empurrar a porta, mas Eve ergueu uma mão.

— Só um minuto — disse, batendo na porta. — Senhor Byson — chamou. — Polícia. Abra a porta, por favor.

— Acho mesmo que ele não está em casa — disse Gracie.

— De qualquer forma, esperamos um minuto antes de entrarmos. — Eve bateu de novo. — Senhor Byson, sou a tenente Dallas, Polícia de Nova Iorque. Vamos entrar.

Mal abriu a porta, Eve compreendeu que a vizinha tinha razão. O homicídio de Natalie Copperfield matara-o. Ou o assassino dela, mais precisamente.

— OhmeuDeusohmeuDeusohmeuDeus! — As palavras de Gracie atropelavam-se numa torrente histérica aguda, enquanto ela pressionava a cara da bebé contra o ombro e se afastava da porta, a cambalear.

— Senhora York, volte para o seu apartamento — ordenou Eve. — Vá para o seu apartamento e tranque a porta. Uma de nós irá falar consigo daqui a pouco.

— É o Bick. É o Bick? Vive mesmo em frente de nós. Mesmo em frente de nós.

A um sinal mudo de Eve, Peabody segurou o braço da mulher.

— Leve a Crissy para casa — disse Peabody, amavelmente. — Leve-a para casa. Não vai acontecer nada à sua bebé. Vá para casa e espere por nós.

— Não compreendo. Ele deve estar morto. Mesmo em frente de nós.

Peabody acompanhou a vizinha até ao seu apartamento, depois voltou-se para Eve, com uma expressão resignada.

— Queres que me encarregue dela, suponho.

— Sem dúvida. Primeiro comunica a ocorrência, Peabody, depois fala com ela. Precisamos de um depoimento formal da vizinha. Vou buscar os *kits* e começar a examinar o local do crime.